

MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: *Novos fluxos e políticas seletivas* *

POR QUE E COMO GERENCIAR OS FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS?

“Uma grave lacuna na atual estrutura institucional da economia global é a falta de uma estrutura multilateral para reger a circulação de pessoas entre fronteiras”.

(Comissão Mundial Sobre a Dimensão Social da Globalização. *Por uma globalização justa. Criar Oportunidades para Todos*, nº 428).

Nos últimos anos, a questão migratória entrou, urgentemente, na agenda de muitos países e organismos internacionais. A mobilidade humana internacional tornou-se tema de debates e confrontos, chegando a ser determinante em muitas disputas eleitorais.

A relevância das migrações internacionais na atual conjuntura decorre de vários fatores. O primeiro é, sem dúvida, o *fator humanitário*, relacionado a milhões de migrantes, sobretudo, os irregulares, que enfrentam travessias e condições de vida desumanas a fim de alcançar seus objetivos. Neste breve espaço, é suficiente citar as *boat-people*, os/as migrantes mortos em desertos de fronteiras, detidos no meio de criminosos, explorados e escravizados por traficantes de pessoas, ou os refugiados/as e *desplazados/as* que fogem de catástrofes naturais, conflitos bélicos ou situações de violência indiscriminada.

No entanto, o cuidado com a tutela da dignidade humana da pessoa migrante é freqüentemente inibido por um segundo aspecto, que podemos definir de *fator psicológico* ou, talvez, *psicopático*. Vivemos numa época de grande “insegurança” provocada por diferentes fatores: como a flexibilização do trabalho, as crises econômicas, o espectro do terrorismo, as catástrofes ecológicas, a celeridade das mudanças de paradigma culturais e ideológicos etc. Tudo isso gera incerteza, medo. Neste contexto, a chegada do/a estrangeiro/a se torna “a última gota”, a mais concreta e próxima, a mais indefesa e vulnerável, a mais perseguida e criminalizada, embora, não necessariamente, a mais nociva.

O clima de xenofobia é alimentado por um terceiro aspecto, o *fator quantitativo*: atualmente, acredita-se que cerca de 185-192 milhões de pessoas vivam fora do país em que nasceram. Sem dúvida, esses números são relevantes. A resenha apresenta vários casos que apontam um progressivo crescimento da presença de migrantes internacionais, sobretudo nos assim chamados países desenvolvidos. Todavia, cabe realçar que estamos longe de “avalanches”, “ondas” ou “invasões” migratórias. Se bem significativo, o crescimento das migrações internacionais contemporâneas não justifica o clima alarmista de numerosos países do Norte do mundo, sobretudo, se levados em conta os benefícios que a presença de migrantes pode acarretar.

Entramos aqui num outro tema extremamente debatido: o *fator econômico*. Apesar dos ufanos discursos oficiais, a presença de estrangeiros/as é, ou pode ser, um instrumento de enriquecimento econômico, tanto para os países de chegada quanto para aqueles de saída. Com certeza, devemos reconhecer as dificuldades que a presença maciça de migrantes pode criar para os sistemas sanitários e educativos de alguns países, bem como, os prejuízos provocados pela fuga de mão-de-obra qualificada de países do Sul do mundo. No entanto, cresce cada vez mais a consciência de que um gerenciamento multilateral e solidário das migrações internacionais possa contribuir para o enriquecimento econômico de todos os envolvidos, como atestam recentes relatórios de organismos multilaterais.

* Editorial publicado na **Resenha Migrações na Atualidade**, n.62, elaborado pela Equipe do CSEM.

Nesta perspectiva, insere-se um quinto aspecto, que podemos chamar de *fator simbólico* ou *humanizante*: as migrações contemporâneas estão se tornando o sinal concreto da unidade primordial da família humana. Somos todos “humanos” porque a nossa origem está no *humus*, na terra, no planeta Terra, que é a pátria de toda a “humanidade”. Ultrapassando e relativizando as fronteiras, os/as migrantes anunciam simbolicamente um novo paradigma planetário que antepõe o que une o gênero humano às diferenças históricas e culturais ou às desigualdades e assimetrias socioeconômicas. É neste sentido que as migrações internacionais podem se tornar também instrumentos de “humanização”, enquanto caminhos de descoberta da verdadeira “identidade” da família humana, identidade que transcende, sem negar, as identidades nacionais.

Seria ingênuo, no entanto, acreditar que esse processo possa ser realizado de forma meramente harmoniosa. O encontro com a alteridade gera, inevitavelmente, questionamentos, temores, conflitos. Mas cabe ressaltar que a conflitividade é parte constitutiva da condição humana. Nunca existiram e nunca existirão sociedades sem conflitos. Portanto, o *punctum saliens* não é como eliminar, e sim como gerenciar a conflitividade – com ou sem violência, reconhecendo ou negando a alteridade, incluindo ou guetizando o outro etc. – e, ao mesmo tempo, qual a meta almejada, qual o horizonte utópico rumo ao qual vale a pena caminhar e conflitar.

É nesta perspectiva que deve ser abordado o tema das políticas migratórias. A resenha apresenta vários artigos que confirmam o aumento quantitativo da migração internacional e, simultaneamente, o progressivo enrijecimento “seletivo” (pois não todo tipo de migrante é barrado) das políticas de imigração de vários países. É cada vez mais difícil imigrar de forma administrativamente regular, obter a cidadania do país de chegada ou conseguir a reunião familiar. Aumentam cada vez mais os recursos financeiros destinados ao controle das fronteiras e dos aeroportos. Para dificultar a entrada de migrantes irregulares são utilizados instrumentos de alta tecnologia ou simples muros. O objetivo dessas políticas é meramente funcional: permitir o ingresso de “mão-de-obra” e não de “seres humanos”. Abrem-se as fronteiras a trabalhadores jovens, qualificados, submissos e baratos, mas são rejeitados os “seres humanos” portadores de direitos e deveres.

Na realidade, ao que tudo indica, a questão migratória tornou-se um tema extremamente complexo e abrangente que envolve um conjunto muito amplo de interesses em nível político, econômico, social e, inclusive, religioso. A miopia da maioria das atuais lideranças nacionais e internacionais está em *menosprezar o potencial humanizante das migrações* e, ao mesmo tempo, em enfrentar o fenômeno como algo simplesmente conjuntural. Buscam-se soluções efêmeras e de curto prazo, muitas vezes apenas para agradar o eleitorado ou para preservar os interesses imediatos de determinadas camadas da população nacional e internacional.

Em face dessa situação, almeja-se a criação de um regime multilateral para a circulação das pessoas que considere tanto os direitos dos migrantes quanto os dos países de saída e de chegada. A Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização propõe algumas pistas operativas, que incluem, por exemplo, a utilização das convenções e obrigações internacionais já existentes, o diálogo bilateral ou multilateral entre os países envolvidos ou a criação de um “Fórum global para troca regular de informações e pontos de vista sobre migração” (nn. 440-446). Não pode faltar, inclusive, a crítica contundente e a busca de alternativas à globalização neoliberal, principal geradora do desemprego estrutural que fomenta as migrações internacionais.

Enfim, apesar das inegáveis dificuldades de gerenciar os conflitos provocados pela presença de estrangeiros, permanecem as perguntas de fundo: para qual razão vale a pena conflitar? Nos próximos anos, estaremos nos confrontando com o objetivo de conservar o sistema injusto e excludente ou de construir sociedades “humanas”, nas quais todos sejam reconhecidos como cidadãos “terrestres”, planetários?